

REFLEXÕES ACERCA DA METODOLOGIA DE PESQUISA EM ANTROPOLOGIA SOCIAL

Expedita Fátima de Figueiredo¹

RESUMO: Através deste artigo, fazemos uma imersão em algumas leituras feitas acerca do trabalho do antropólogo com o objetivo de traçarmos um caminho metodológico dentro do estudo da antropologia social, levando-se em consideração o contexto, os atores sociais da pesquisa e a inter-relação entre os mesmos.

PALAVRAS-CHAVES: antropologia social, etnógrafo, metodologia.

ABSTRACT: *Through this article, we make an immersion in some readings done concerning the anthropologist's work with the objective of we trace a methodological road I enter of the study of the social anthropology, being taken in consideration the context, the social actors of the research and the interrelation among the same ones.*

KEYWORD: *social anthropology, etnógrafo, methodology.*

Introdução

Ao pensarmos em realizar pesquisa em antropologia social, surge uma preocupação importante que se refere à metodologia a ser utilizada. Aquela metodologia que nos remeta ao nosso objeto de estudo, que nos leve a uma melhor interpretação da população que estamos pesquisando, ao seu mundo e seu modo de viver, que seja uma diretriz para o nosso trabalho em campo e que nos leve à solução do problema inicial que motivou nossa pesquisa.

É por essa razão que resolvemos, através deste artigo, fazermos uma imersão em algumas leituras feitas acerca do trabalho do antropólogo com o objetivo

¹ Assistente Social e aluna do Programa de Mestrado Interdisciplinar em Ciências Humanas da Fundação Universidade Federal de Rondônia - UNIR

de traçarmos um caminho, talvez não tecnicamente correto, pela incongruência de pensar que há apenas um, mas um caminho dialeticamente possível dentro do estudo da antropologia social, levando-se em consideração o contexto, os atores sociais da pesquisa e a inter-relação entre os mesmos.

Estamos tratando de uma pesquisa que tem como objeto de estudo sociedades com as quais temos pouco contato e que por sua própria natureza possuem um modo de vida diferenciado do nosso. Embora diferentes, são sociedades que possuem experiências de vida preciosas, cheia de encantamentos e magias que um bom etnógrafo sabe demonstrar. Consideramos etnógrafo o sujeito da pesquisa que, entre outras coisas, estabelece relações com estas sociedades, seleciona informantes, transcreve textos e organiza os relatos para posterior consulta.(GEERTZ, 1989, p.15)

Dentro da metodologia utilizada estaremos também pontuando a postura que o pesquisador/antropólogo deve ter para o bom desenvolvimento da pesquisa, como ele deve se comportar em campo, que característica deve ter esse pesquisador dentro de uma pesquisa antropológica.

Discutíamos, durante a elaboração de um outro artigo, a necessidade do pesquisador de participar concretamente da comunidade com a qual está realizando o trabalho de pesquisa, considerando esta como condição indispensável para compreender, em sua totalidade, a maneira como vivem os indivíduos pertencentes a determinado grupo social.

Esta proposição é defendida por MALINOWSKI (1978, XIII) que institui a *observação participante* que, segundo ele, *só é possível através da convivência diária, da capacidade de entender o que está sendo dito e de participar das conversas e acontecimentos da vida da aldeia*. Condena os relatos realizados em curtas viagens à campo e preconiza, através de sua própria experiência, a permanência prolongada dos pesquisadores em campo, no seu caso as aldeias indígenas, sendo necessário *aprender-lhes a língua, assimilando categorias inconscientes que ordenam o universo cultural investigado*.(MALINOWSKI,1978, p.XIII-XIV)

Dentro da perspectiva do autor acima citado não é suficiente ir algumas vezes a campo e, através de relatos colhidos de informantes nativos e da observação do próprio pesquisador, elaborar textos com interpretações da cultura local e comportamentos observados no modo de vida da população estudada. Essa postura

levaria o pesquisador a relatos superficiais e incompletos que se diferenciam do que poderíamos chamar de uma pesquisa etnográfica.

A contribuição de Malinowski para a Antropologia Social é inegável, principalmente para o estudo de grupos sociais ditos primitivos, como as sociedades indígenas, onde o pesquisador se defrontava com a língua nativa de difícil compreensão, costumes muito diferentes dos seus e por vezes uma certa resistência por parte da população a ser estudada, como ocorreu com Evans-Pritchard ao estudar *Os nuer*.

Outras posturas foram adotadas por antropólogos que, mesmo subtraindo o trabalho de campo de suas pesquisas, conseguiram relatos minuciosos de seus objetos de estudo utilizando outros caminhos metodológicos.

Nesta categoria citamos a obra de BENEDICT (1997), antropóloga cultural que em 1944 recebe a difícil missão de empreender um estudo sobre os japoneses numa época, justamente, em que a América e o Japão estavam em guerra. Por essa razão ela abstém-se do trabalho de campo mesmo considerando-o uma das mais importantes técnicas do antropólogo cultural. Através de relatos colhidos entre os japoneses que viveram no Japão e que durante a guerra estavam morando nos Estados Unidos, Ruth Benedict elabora um estudo minucioso sobre a cultura japonesa, com seus hábitos, costumes e pensamentos.

Um outro recurso empregado pela autora em questão foi a leitura de extensa literatura sobre os japoneses que *ao contrário de muitos povos orientais, manifestam um grande impulso de se expressarem através da escrita* (BENEDICT, 1997, p.14). Ela fazia as leituras assinalando aquilo que não conseguia compreender, procurando ler nas entrelinhas, ou seja, procurando ver o que estava além da aparência e fazendo a si sempre a mesma pergunta: *O que 'está errado com este quadro'? O que precisaria eu saber a fim de compreendê-lo?* (BENEDICT, 1997, p.14).

É interessante salientar aqui a diferença para a pesquisa empreendida por Malinowski que estudava sociedades sem escrita (ou ágrafas) impossibilitando o pesquisador de lançar mão deste recurso valioso. Hoje, graças a inúmeros estudiosos, tais como o próprio Malinowski e Lévi-Strauss, que se dedicaram à árdua tarefa de interpretar e descrever os acontecimentos passados, possuímos incontáveis relatos e interpretações de culturas as mais variadas, com uma riqueza de detalhes surpreendente, que podem ser consultados de forma a fundamentar nossos estudos. E temos notícia, ainda, de trabalhos que estão sendo feitos no

sentido de criar a linguagem escrita em tribos indígenas. É o que aconteceu com o povo Amondava. Pesquisa lingüística desenvolvida a pedido dos próprios índios que entenderam ser a escrita uma arma poderosa para sua sobrevivência.(SAMPAIO, 1998, p.58)

Benedict situa a antropologia como um estudo comparativo onde os antropólogos obtiveram grandes resultados utilizando comparações culturais. A autora lança mão, também, desse recurso identificando *muitas disposições sociais e hábitos de vida no Japão com correspondentes próximos nas tribos primitivas das ilhas do Pacífico*. (BENEDICT, 1997, p.14)

Utiliza, também, para a elaboração de seu relato filmes e escritos produzidos no Japão, que depois de vistos ela comentava-os com os japoneses para apreender a forma que estes viam os enredos, personagens, e demais aspectos apresentados no filme que era diferenciada da forma que ela via.

Esta preocupação em ver a partir do olhar do outro ou ver com os olhos do outro é uma preocupação comum a vários antropólogos e frutos de muitos debates nos últimos quinze anos. Esta situação foi levantada por GEERTZ (2000) que analisa a necessidade de que os antropólogos vejam o mundo do ponto de vista dos nativos e coloca uma questão interessante: *Como é possível que antropólogos cheguem a conhecer a maneira como um nativo pensa, sente e percebe o mundo?*(GEERTZ, 2000, p.86)

É uma questão interessante e muito intrigante, que nos levou a outros questionamentos: Como o antropólogo ou pesquisador pode realmente captar o modo de vida de uma determinada sociedade a partir do ponto de vista de seus informantes? Que característica excepcional deve ter este pesquisador para conseguir esse feito?

Vários estudos apontam a necessidade do antropólogo possuir este perfil altamente acurado e com habilidades específicas para dar conta de sua tarefa de interpretar culturas, como demonstramos a seguir.

Malinowski ressaltava como uma das características imprescindíveis do etnógrafo, a perspicácia, tal qual a de *um caçador ativo e atento, atraindo a caça, seguindo-a cautelosamente até a toca de mais difícil acesso* (MALINOWSKI, 1978, p.22). Todos os autores estudados dão ênfase à um acentuado poder de observação por parte desse etnógrafo. CLIFFORD (1998) destaca, como características do etnógrafo, um alto grau de intuição e uma habilidade suficiente

para captar, a partir de um pequeno detalhe simbólico, o modo de ser de uma sociedade. E, ainda, ao falar de Marcel Mauss, pesquisador francês fundador do Institut de'Ethnologie, diz que *tinha um olhar acurado para o detalhe significativo*. (CLIFFORD, 1998, p.140)

A questão permanece e, então, recorremos a Geertz que propõe outro caminho para solucionar o problema ao invés de investigar o perfil desejado ao antropólogo. Ele utiliza dois conceitos formulados pelo psicanalista Heinz Kohut. São os conceitos de “*experiência-próxima*” e de “*experiência-distante*”, que transcrevemos a seguir:

Um conceito de “experiência próxima” é, mais ou menos, aquele que alguém – um paciente, um sujeito, em nosso caso um informante – usaria naturalmente e sem esforço para definir aquilo que seus semelhantes vêem, sentem, pensam, imaginam etc. (...) Um conceito de “experiência-distante” é aquele que especialistas de qualquer tipo – um analista, um pesquisador, um etnógrafo, ou até um padre ou um ideologista – utilizam para levar a cabo seus objetivos científicos, filosóficos ou práticos. “Amor” é um conceito de experiência-próxima; “catexia em um objeto” de experiência-distante. “Estratificação social”(...) de experiência-distante; “casta” e “nirvana” são de experiência-próxima, pelo menos para hindus e budistas. (GEERTZ, 2000, p.87)

Geertz defende que a melhor maneira de conduzir uma análise antropológica é trabalhar com os dois tipos de conceitos, pois se limitar em apenas um conceito seria por demais temeroso no que se refere à obtenção de resultados. Neste caso a habilidade do antropólogo seria a de captar os conceitos de experiência-próxima de seus informantes fazendo um intercâmbio com os conceitos de experiência-distante criados por teóricos para melhor elucidar os aspectos levantados. O que não é muito simples, uma vez que os conceitos de experiência-próxima são expressos de forma tão natural e espontânea e estão, de certa forma, tão intrínsecos em seu modo de vida que os nativos não percebem que se tratam de conceitos.

Geertz relata a sua experiência com os javaneses, balineses e marroquinos e nos alerta que não é necessário colocar-se “*embaixo da pele do outro*” ou fingir ser um javanês, balinês ou marroquino para entender o pensamento desses povos. Uma outra maneira de fazer isso é *analisando as formas simbólicas – palavras, imagens, instituições, comportamentos – em cujos termos as pessoas realmente se*

representam para si mesmas e para os outros, em cada um desses lugares.
(GEERTZ, 2000, p.90)

Desta forma, uma outra habilidade esperada do bom antropólogo seria a de captar os sistemas simbólicos das sociedades estudadas e segundo Geertz aqui vale tudo, até mesmo entender uma piada, um provérbio ou interpretar um poema.
(GEERTZ, 2000, p.107)

É importante frisar que é fundamentalmente necessário que o pesquisador/antropólogo esteja desprovido de seus preconceitos e se coloque numa posição de respeito à estas sociedades, à cultura e ao modo de vida que lhes são peculiar. Ratificando esta idéia encontramos em Malinowski (1978, p.22) a afirmativa de que *as idéias preconcebidas são perniciosas a qualquer estudo científico*; e ainda em GEERTZ (1989, p.91) temos que, para entender as concepções alheias é necessário que deixemos de lado nossa concepção, e busquemos ver as experiências de outros com relação à sua própria concepção do “eu”.

Conclusão

Vimos que o trabalho de campo é indispensável numa pesquisa etnográfica. Mesmo Ruth Benedict teria utilizado essa técnica se não fosse o impedimento da guerra. Porém os estudos não deixam claro qual o tempo necessário para a permanência em campo.

Malinowski fala de um período prolongado, de convivência. A princípio, o tempo suficiente para aprender a língua e estabelecer relações amistosas com os nativos; ser aceito pelo grupo e diminuir um pouco a estranheza recíproca entre o pesquisador e pesquisado. E, ainda, o tempo para a coleta e registros de dados. Ele ficou entre os trobriandês cerca de aproximadamente dois anos.

Segundo CLIFFORD (1998) Margaret Mead, muito criticada por isso, argumentava que não era necessário aprender fluentemente a língua nativa, mas apenas o suficiente para introduzir perguntas e manter uma relação com os nativos. Era favorável a permanências curtas em campo e sua observação era focalizada em determinados temas que dava origem a uma síntese cultural.

Na mesma linha, encontra-se EVANS-PRITCHARD (1999) que passou onze meses em território Nuer em condições totalmente adversas. Sendo a pesquisa que

realizou, em sua maioria, fruto da observação direta, uma vez que teve grandes dificuldades para conseguir informantes nativos.

O trabalho de campo envolve muitas ambigüidades e contradições, num movimento dialético contínuo, onde a teoria é de grande utilidade para elucidar conceitos e procedimentos. Cada experiência em campo é uma experiência nova e as teorias são testadas e reinventadas na prática. Bem como os conceitos são adaptados e recriados atendendo as novas realidades observadas.

Parece-me coerente afirmar que o termômetro que vai nos indicar o melhor caminho metodológico a ser seguido pelo antropólogo é o trabalho de campo. Só em campo, com os atores em cena e as relações que se estabelecem entre os mesmos, que podem ser inicialmente baseadas na empatia ou verdadeiros dramas sociais, é que poderemos inferir os recursos, métodos e técnicas a serem utilizadas. A relação pesquisador/nativo e todos os episódios extraordinários decorrentes dela é que vão definir as condições para se escrever uma boa etnografia.

Agora, é importante que o pesquisador seja capaz de ultrapassar os obstáculos criando novos conceitos e testando novas metodologias, se preciso for, e não se prender a conceitos e valores arraigados em si mesmo. Como nos lembra DAMATTA (1981), *isso implica, realmente, num exercício que nos faz mudar o ponto de vista e, com isso, alcançar uma nova visão do homem e da sociedade no movimento que nos leva pra fora do nosso próprio mundo, mas que acaba por nos trazer mais para dentro dele.*

Seguindo esse raciocínio, CEMIN (1997), num artigo sobre o percurso utilizado no desenvolvimento de sua pesquisa sobre o xamanismo, faz referência à impotência dos “conceitos” como ponto de partida da pesquisa e acrescenta: (...) *as diferentes ‘significações’ que constituem o ser social jamais se enquadram nas categorias pretensamente universais de nossa vã ciência.”.*

Donde se conclui que a realidade não está pronta e acabada nos remetendo a certezas e concretudes. Essa teia de significados, de detalhes aparentemente sem importância, se constitui num desafio importante para o pesquisador, que para interpreta-la precisa ter um olhar acurado e uma *escuta atenta, concentrada, receptiva, experienciada e internamente ‘nervosa’ porque em busca de sentido, de concatenações e de pertinências teóricas.* CEMIN (1997)

Referências Bibliográficas

- BENEDICT, Ruth. *O crisântemo e a espada: padrões da cultura japonesa*. São Paulo, Perspectiva, 1997.
- CEMIN, Arneide Bandeira. *Trajetos Antropológicos: ou como ter "Antropological Blues"*. Revista Presença, UNIR, v. 4, n. 10, dezembro de 1997, p. 29-35.
- CLIFFORD, James. *A experiência etnográfica: antropologia e literatura no séc. xx*. Rio de Janeiro, UFRJ, 1998.
- DA MATTA, Roberto. *Relativizando: uma introdução à antropologia social*. Petrópolis, Vozes, 1981.
- EVANS-PRITCHARD, E.E. *Os Nuer*. São Paulo, Perspectiva, 1999.
- GEERTZ, Clifford. *A interpretação das culturas*. Rio de Janeiro, Livros Técnicos e Científicos Editora S.A., 1989
- _____. *O saber local: novos ensaios em antropologia interpretativa*. Petrópolis, Vozes, 2000.
- MALINOWSKI, Bronislaw. *Argonautas do Pacífico Ocidental: um relato do empreendimento e da aventura dos nativos no arquipélago da Nova Guiné Melanésia*. São Paulo, Abril Cultura, 1978 (Coleção Os Pensadores).
- SAMPAIO, Wany. *A saga dos Amondava: da horda selvagem à desordem pré-capitalista*. Revista Presença, UNIR